

# APÓS JACQUES DERRIDA VEM O FUTURO

John D. CAPUTO<sup>1</sup>

- **RESUMO:** O texto mostra como, com a virada ético-teológica de Derrida do começo dos anos noventa, a desconstrução sobreviveu a si mesma. O texto termina invocando a abertura desconstrutivista do futuro (válidos aqui ambos os genítivos, subjetivo e objetivo) como aquilo que permite à desconstrução viver após ou em sua morte.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Derrida. Desconstrução. Ética. Teologia.

Derrida admite estar preocupado com sua morte, chega a imaginar cenas lúgubres de sua família, reunida ao redor de seu túmulo, pronunciando as palavras finais. Ele visualiza notas dos jornais anunciando a morte do filósofo francês em um acidente de carro, envolvido em uma colisão fatal enquanto, aparentemente, fazia anotações em um bloquinho que mantinha no banco da frente de seu carro. Mas Derrida está igualmente preocupado com a morte da desconstrução, e, certamente, nem ele e tampouco nós podemos dissociar as duas mortes, visto que não nos resta muito a fazer a não ser especular se haverá vida para a desconstrução após Derrida. Desse modo, ele tem viajado ao redor do globo em uma autêntica peregrinação papal, visitando todas as comunidades de desconstrução, ministrando aulas em dois continentes e proferindo palestras nos outros. Ele mantém a palavra viva, anunciando a boa nova da vinda, *oui, oui*, do Messias que está prestes a chegar, falando mais em inglês do que em francês, em um mundo que ele percebe – em primeira mão – estar se tornando cada vez mais anglofônico e globalatinizado. Mesmo hoje, aos setenta anos, apesar de jurar que está parando, ele continua visitando todas as igrejas.

Ao mesmo tempo, Derrida se diverte ao testemunhar a frequência com que a desconstrução é declarada morta. E isso acontece com uma regularidade quase

---

<sup>1</sup> University of Syracuse. Syracuse – New York, USA. 13244-5040 - jdcaputo@syr.edu

John D. Caputo é titular da Cátedra Thomas J. Watson de Religião e Humanidades no Departamento de Religião da Universidade de Siracusa. É especialista na filosofia continental da religião e vem trabalhando em abordagens à religião à luz da fenomenologia contemporânea, hermenêutica e desconstrução. Tem vários livros publicados sobre pós-estruturalismo e teologia, entre eles *Radical Hermeneutics, The Prayers and Tears of Jacques Derrida, The Weakness of God, After the Death of God, On Religion and What Would Jesus Deconstruct?*

Autor convidado.

previsível. Quanto mais conferências são organizadas sobre a desconstrução, mais livros e artigos aparecem sobre o assunto, maior é o estrondo causado pelas vozes que agora, finalmente, a declaram morta. Logo, a desconstrução deve ser um fantasma, conclui Derrida, pois o que mais poderia estar tão vivo e, ainda assim, morto? O que mais, além de um fantasma, poderia provocar tantas manifestações, aparecer em tantos lugares, ser visto e debatido por tantas pessoas, enquanto, de fato, está morto e enterrado? O que senão um fantasma poderia vaguear noite e dia depois de morto há algum tempo? E o que mais seria o próprio Derrida, com seu cabelo cinzento e sua língua sedutora, senão um espectro sibilino, cuja aparição tem o poder de encher um auditório com milhares de pessoas curiosas, digamos, mortas de vontade de testemunhar sua aparição?

Pronunciamentos acerca da morte da desconstrução são ocorrências quase que semanais. A desconstrução está acabada, uma moda passada (passando agora pela sua quarta década!). A desconstrução despontou na década de 1960 como uma espírita forma de leitura que parecia ameaçar tudo de estabilizado e respeitável na vida acadêmica, como uma tentativa de autorizar toda forma de licenciosidade literária, de permitir qualquer interpretação, de endossar qualquer leitura irresponsável. Assim, seu primeiro sucesso foi um *succès de scandale*, o sucesso de um choque prontamente absorvido por uma geração de acadêmicos opositores e críticos à Guerra do Vietnam —“The Ends of Man” foi proferido na cidade de Nova Iorque com um prefácio que expressava suas reservas em falar num país que empreendia tal guerra. A desconstrução, aparentemente, defendia uma anarquia acadêmica diante dos sistemas totalizantes e opressores de leitura, interpretação e pensamento. Aqueles eram dias inebriantes e a desconstrução era irrefreável. A única coisa que poderia pará-la seria ela mesma, quando o sucesso superasse o escândalo, quando ela conseguisse estar na crista da onda, quando o espírita marginal se tornasse tão *in* que, em virtude da respeitável lógica daquilo que está na moda e fora dela, estivesse *out*. Quando algo, não importa o quão marginal seja, consegue ficar “*in*”, deve estar *out*. Ele se torna hegemônico, uma outra versão do sistema, uma outra força de marginalização. A onda da desconstrução surgiu e cresceu nos anos de 1960, tomou forma na década de 1970, e, finalmente, ruiu nos anos de 1980. A desconstrução encontrava-se, então, definitivamente morta. Suas credenciais feministas não estavam inteiramente em ordem; sua política não era clara, e, além disso, os estudos culturais e escrever sobre Elvis e a Disneylândia pareciam mais divertidos. O indócil e voraz monstro dos modismos já havia seguido seu curso.

Mesmo assim, livros e artigos continuaram a ser publicados, conferências continuaram a ser organizadas, e, onde quer que Derrida estivesse ou ainda hoje vá, não há auditório suficientemente grande para comportar a plateia, a exemplo do

que aconteceu recentemente em Toronto, em 2002, quando cerca de 1500 pessoas se acotovelaram em um salão de baile, no encontro anual da A.A.R (Academia Americana de Religião), para ouvir uma mesa redonda com Derrida — sobre religião. Logo, de acordo com a lógica do fantasma, da “assombrologia” [*bauntology*], como ele brinca, o morto está mais vivo do que nunca, para ser visto e ouvido em todo lugar, apesar de nos terem assegurado que ele estava morto.

Em 1984, em Erring, Mark Taylor concentrou toda a energia em certo tipo de desconstrução, uma que tinha sido construída a todo vapor nos departamentos de inglês e literatura comparada nos Estados Unidos, alistando a desconstrução ao serviço daquilo ele chamou de a “hermenêutica da morte de Deus”. A primeira versão da morte de Deus permaneceu atrelada a uma concepção ontoteológica e fundamentalista, tendo apenas substituído Deus pelo homem, a teologia pela antropologia, na célebre crítica transformacional dos jovens hegelianos, mas sem, contudo, desafiar as idéias de base e centro. Já em uma segunda e mais radical versão, impulsionada pela desconstrução, ela questionou a própria idéia de centro e subjetividade, de base e fundação, e permitiu que Deus se dissolvesse de forma indelével no mundo, da escritura sagrada na *écriture*. Deus está, de fato, morto e tudo mais é permitido. Las Vegas, aí vamos nós.

O que, em minha opinião, é de fato verdade acerca dos recorrentes rumores sobre a morte da desconstrução é o seguinte: em meados da década de 1980, a desconstrução não fora rejeitada, mas assimilada; ela não fora derrotada ou superada, mas absorvida pelas bases de nossas crenças de modo a não percebermos que se tratava mais da desconstrução. A ideia de que os livros não são unidades coesas de sentido inteiramente subordinadas aos desígnios de atos intencionais ou autorais, de que livros são textos entretecidos a outros textos, citando-os e recitando-os, transbordando suas fronteiras, escapando por todas as direções a ponto de não podermos cercá-los e saturá-los, a ideia de que nada pode resistir a uma leitura realmente cerrada, de que textos revelam suas frestas e fissuras, suas contra-tendências e complexidades, de que eles são constituídos por subtextos e contra-textos, de que “Platão”, por exemplo, não é uma unidade fixa de conteúdos semânticos e doutrinários, mas um sin-texto de diferentes matizes e vozes que escapa por múltiplas direções se tivermos paciência para lê-lo (e por aí vai) — tudo isso que configura a desconstrução, se há de fato algo chamado desconstrução, tornou-se um lugar tão comum que se plasmou ao nosso conhecimento prévio, uma sedimentação, como Husserl diria, na gênese das práticas contemporâneas de “leitura cerrada”. Dessa forma, naquele momento dos anos de 1980, certo número de pessoas deixou de ler Derrida. Eles acreditavam já saber do que se tratava, que já haviam assimilado sua linha de pensamento, e o que quer que viesse em seguida, seria, na melhor das hipóteses, um novo lance em um velho jogo, um tributo ao seu virtuosismo em dizer a mesma coisa de maneira diferente, mas,

ainda assim, a mesma coisa. Eles já estavam para além de Derrida, que, por hora, tinha ficado para trás, parado na estação.

Então, algo de curioso aconteceu no caminho do funeral. Derrida começou a falar sobre ética, política e — Deus nos guarde — religião. Como um bom exemplo, olhe o que aconteceu com a problemática do dom entre as décadas de 1970 e 1990. Em *Donner le temps* o modelo do dom era o texto, que não deveria ser recusado e devolvido em gratidão causal ao autor que lhe criara; o texto estava livre de pagar tributo a quaisquer intenções autorais, mas, sobretudo, lhe era permitido emitir centelhas em um esplendor disseminativo e denotativo imprevisível, uma vez que por atrás ou sob sua superfície seria possível encontrar o segredo de que não há profundidade secreta, somente mais lados. Mas em *Donner la mort*, publicado na década de 1990, o ponto de partida não é Baudelaire, mas sim o Kierkegaard de *Temor e Tremor* e o modelo do dom é o *tout autre* de Lévinas, tomado como uma afirmação sem reservas da vinda do outro, *l'invention de l'autre*. Durante os anos de 1990, os temas escolhidos por Derrida para suas palestras e seminários — hospitalidade, amizade, dom, perdão, justiça, democracia — assumiram um surpreendente tom ético-religioso.

Aqueles de nós que nos orgulhávamos de sermos leitores atentos de Derrida — ninguém pode ser um leitor atento de todos, logo, isso não deveria ser tanto uma questão de orgulho quanto uma descrição de nossas preferências — não ficamos surpresos. Já vínhamos afirmando que há uma dimensão ética, política e, sim, mesmo religiosa na desconstrução. Se existe uma analogia com os pseudônimos kierkegaardianos, a excepcionalidade e resistência ao sistema e ao universalismo que a desconstrução exhibe não seriam um modo de esteticismo, um tipo de Jacques, o Sedutor, mas uma forma de exceção religiosa. A anarquia, se o for, da desconstrução é extremamente responsável, entrelaçada a Lévinas e às escrituras judaicas, particularmente a literatura profética. Ademais — isso escandalizará a todos — há certo elemento desconstrucionista no Novo Testamento, no modo pelo qual as leis do Sabá foram violadas em nome daqueles para os quais o Sabá foi feito, o último foi o primeiro, os párias acolhidos ao centro, o coxo e o leproso preferidos, e assim por diante. A coisa toda — isto é, a desconstrução — começou a se assemelhar a uma versão judia de *Temor e Tremor*, um cruzamento entre Lévinas, Kierkegaard e a teoria pós-estruturalista. Mark Taylor me disse que estava tentando convencer Derrida — dado seu interesse pelo segredo — a escrever um livro sobre *Temor e Tremor*. Eu me cansei de esperar e escrevi minha própria versão — *Against Ethics* — que apareceu na mesma época em que *Donner la mort* surgiu em francês. É um testemunho da infinita misericórdia de Deus que o livro em que eu esboçava aquilo que seria uma possível leitura desconstrutivista de *Temor e Tremor* não tenha colidido, de forma alguma, com o que Derrida estava, ao mesmo tempo, dizendo em *Donner la mort*, sem meu

conhecimento de sua aparição! Assim, do mesmo modo que *Temor e Tremor* veio a público no mesmo dia de *A Repetição*, meu *Against Ethics* apareceu praticamente no mesmo dia que *Donner la mort*.

Então aconteceu. Em 1989, o dia D dos derradeiros estudos derridianos, o dia em que pousou nas praias da religião, Derrida escreveu “Circonfissão”, uma autêntica publicação judaica, quase-agostiniana sobre a qual longos excertos do texto latino das *Confessiones* foram transplantados. Nesse texto – Deus nos guarde, isso é o que ele de fato diz – Derrida confessou ser um homem dado às preces, rezar o tempo todo, dizendo que se entendêssemos isso sobre ele, entenderíamos tudo, enquanto o fracasso em compreendê-lo resultava em uma recorrente má interpretação de seus escritos. Eu estava a 37000 pés de altura quando li isso pela primeira vez, mas sinalizei para a aeromoça me deixar sair do avião imediatamente, um pára-quadras serviria, para que eu pudesse chegar ao meu computador.

Desse modo, Jacques Derrida encontrara um novo modo de escandalizar a todos, dessa vez escandalizando o bom, o verdadeiro e o pio ao injetar a desconstrução nos Departamentos de Religião e nos currículos dos seminários, incitar leituras desconstrucionistas das escrituras, muito disso vindo à tona na ilustre A.A.R., em Toronto, nesse último outono, com o conjunto de seminários organizados por Yvonne Sherwood, coroados com a “aparição” dele próprio. Mas isso foi só metade da história. Derrida não estava escandalizando apenas os fundamentalistas e defensores da ortodoxia, radical ou não, mas também encontrou uma maneira de escandalizar o perverso, o errante e o ímpio, isto é, seus companheiros desconstrucionistas, ao permitir que o aroma de incenso e velas pairasse pelas salas do Departamento de Inglês. E se houve algum ponto no qual os desconstrucionistas e pós-modernistas se mantiveram reducionistas e modernistas obstinados, se houve algum ponto em que eles se mantiveram não-reformados e reacionários reconstruídos, puristas excludentes, foi em relação à religião. A religião está morta, em desuso, e que Deus guarde Derrida se ele começar a falar sobre religião. Desconstrucionistas seculares ficaram escandalizados – secretamente, eu creio, rezavam que aquilo não fosse verdade – que Derrida houvesse se tornado religioso, até mesmo o pessoal do departamento de religião percebeu que havia algo de sombrio e khôral nessa religião akhôral.

Se a vida da desconstrução se torna um escândalo, Derrida respira uma vida nova dentro da desconstrução de maneira que tanto a desconstrução quanto Derrida continuam a gozar da vida após a morte. Do ponto de vista da política acadêmica, a desconstrução não desapareceu; ela simplesmente trocou de sala, dos departamentos de literatura para os departamentos de religião e de filosofia continental. Com efeito, aqueles que decidiram que entendiam de Derrida, ou que o trem deixou a estação da desconstrução, aqueles que pararam de ler Derrida, de

fato, perderam o novo trem que Derrida estava comandando. A desconstrução não estava se transformando na hermenêutica da morte de Deus, ou não apenas nisso, uma vez que, como Tom Carlson me chamou atenção, há inúmeras formas com as quais ela se mostra verdadeira, mas também a hermenêutica do desejo por Deus, que também é verdadeira, tanto em Nietzsche quanto em Lévinas, seja em Zaratrusta ou em Johannes de Silentio. Assim, os desconstrucionistas encontraram uma vida nova nos departamentos de religião e uma nova onda da teoria desconstrucionista estava a nos banhar, na forma de algo que vem sendo chamado nos catálogos de cursos e nos pôsteres de conferências de “filosofia continental da religião”, constituída de vários componentes, dos quais a desconstrução é um dos mais produtivos e provocativos. Isso, para o presente, ou seja, para um futuro próximo, é o futuro da desconstrução, o lugar onde ela presentemente promete fazer a mais produtiva agitação. (Quando ela parar de causar agitação, aí estará de fato morta).

Mas, mais cedo ou mais tarde, Derrida irá parar de viajar, a desconstrução como um fato se assentará nos livros de história e o termo será apenas, caso não seja ainda, o nome de algo acabado. E isso, por favor, tomem nota, em virtude do que a desconstrução é ou supostamente seria, a saber, a vinda de um outro, e, preferencialmente, a vinda do impossível e do imprevisível. Quanto mais a desconstrução for superada por algo imprevisível, mais ela se mostrará correta! E é isso que ela está tentando fornecer! Assim, como uma possibilidade, como uma provocação, a desconstrução tem um futuro. E, de fato, como possibilidade, como provocação, a desconstrução é o futuro, uma teoria do futuro e, por essa razão, ela é algo que pertence ao futuro da teoria. Logo, após Jacques Derrida vem o futuro.

O que, então, deveríamos dizer acerca do que a teoria é ou, em consonância com o senso do tempo em desconstrução, o que ela deve ter sido? A teoria é uma forma de problematização, um modo de indagar sobre o que dizemos e fazemos, acerca do que pensamos que estamos dizendo ou fazendo, se isso é o que de fato está sendo dito ou feito, ou ainda, se algo mais arrastou-se sorrateiramente sobre nós e transformou-a em algo completamente diferente. Na teoria de orientação desconstrutivista, poderíamos colocar “aspas” ou “aspas duplas” em cada palavra ou fragmento ou sentença, ou ainda, em cada prática ou instituição, e problematizá-la, refletindo sobre cada uma delas. A artimanha não está em saber quando fazer isso – sempre se pode –, mas em saber quando não fazê-lo. Fica-se na dependência de um demônio socrático que nos sinalize o momento de deixar isso ou aquilo quieto por hora, uma vez que se preocupar com outra coisa em seu lugar representaria uma intervenção muito mais estratégica.

A teoria é marcada por uma suspeita e desconfiança infinitas. Mas ela não é o olho preconceituoso da desconfiança, que não acredita em nada, ou não faz nada e, ainda por cima, maldiz aquele que tenta, mas um tipo de desconfiança venturosa

que, de alguma forma, encontra um modo de coabitar com a fé, que desconfia do presente em nome do futuro. A teoria, e, em particular, a teoria em movimento na desconstrução, duvida do presente por conta de sua fé no futuro, seu amor pelo devir, acerca daquilo que está estruturalmente sempre por vir, de modo que o Messias nunca de fato apareça, pois, se o fizesse, deixaria de ser o que está por vir. O que a desconstrução terá feito e o modo como continuará viva após Derrida, após a própria desconstrução, encontra-se em sua insistência no futuro, no que está por vir e na coragem necessária para manter o futuro em aberto. A teoria é a problematização infinita das nossas crenças e práticas, uma suspeita insondável de que nossas crenças e práticas atuais são servos indignos do futuro, infiéis à abertura infinita do futuro, a ânsia sobre a qual o presente tende a se ancorar em sua presença e fechar-se para tudo aquilo que está por vir. Se não houvesse nenhuma teoria, não teria havido futuro, apenas uma eterna repetição do mesmo. A resistência à teoria é reacionária. Resistir à teoria é resistir ao futuro com a finalidade de agarrar-se ao presente. A teoria impulsiona o presente em direção ao futuro, tornando possível a chegada do impossível, não em nome da dúvida, mas da fé; não por desdém, mas por amor. Para compreender o futuro da teoria seria preciso entender o futuro do amor.

O futuro da teoria após Jacques Derrida: *viens, oui, oui*.

Publicado no *The Journal of Culture and Religious Theory*, v.4, n.2, p.227-264, 2003.

Traduzido por José Carlos Felix

CAPUTO, J. After Derrida Comes the Future. Tradução de José Carlos Felix. **Revista de Letras**, São Paulo, v.49, n.2, p.173-179, July/Dec. 2009.

- **ABSTRACT:** *This text shows how deconstruction has survived itself after Derrida's ethical and theological turning of the early nineties. It ends by invoking the deconstructive approach to the future (as well as the future of the deconstructive approach) as that which allows deconstruction to live after or in its own death.*
- **KEYWORDS:** *Derrida. Deconstruction. Ethics. Theology.*

